

Artefatos do cotidiano: design e história dos absorventes femininos

Isabella Pontello Bahia

Juliana Porfírio

Introdução

A preocupação com questões relacionadas às condições da mulher na sociedade há muito é tema de discussão. A escritora e filósofa italiana Cristina de Pisano (1363-1430), que viveu na França no século XIV, é citada pela intelectual francesa Simone de Beauvoir¹ (1908-1986) como a primeira mulher a escrever sobre as relações entre os sexos e a misoginia. Observa-se que movimentos de protesto em defesa da mulher já ocorriam desde então. Porém, no século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, esses movimentos ganharam força, uma vez que, com o deslocamento dos homens para as forças armadas, surgiu a necessidade de que as mulheres comesçassem a atuar no mercado de trabalho e, assim, tomassem uma posição mais visível na sociedade. Visibilidade esta que ainda está em pauta e é muito questionada. No entanto, uma peculiaridade do corpo feminino, a menstruação, sempre foi mais um obstáculo a ser enfrentado.

As mulheres sempre buscaram soluções para conter os fluxos menstruais, utilizando desde absorventes internos improvisados com papiro, na Grécia Antiga, até toalhinhas, comuns no mundo ocidental, que, ainda que cumprissem bem a função de absorver, não garantiam segurança alguma à realização de atividades do cotidiano durante o período menstrual.

1 Simone de Beauvoir foi escritora, filósofa e ativista política, além de personalidade de influência significativa no existencialismo e na teoria feministas. Autora do tratado *O segundo sexo*, de 1949, é referência, ainda na atualidade, nas discussões sobre os direitos das mulheres.

Diversas outras soluções foram e ainda são desenvolvidas, pois trata-se de um amplo mercado que movimenta muitos recursos e possui onerosas indústrias em todo o mundo, além de crescer significativamente a cada ano.

A importância dessa análise justifica-se pelo fato de o artefato estar relacionado não apenas com as ideias do feminino, do feminismo e da liberdade (questões futuramente abordadas neste capítulo), mas também com a saúde da mulher e com os impactos ao meio ambiente. De acordo com pesquisas realizadas pela eCycle² (O que fazer com absorventes usados, [s. d.]), estima-se que uma mulher utiliza, da puberdade à menopausa, cerca de 10 a 15 mil absorventes, que são descartados em lixões e aterros sanitários, contribuindo com a degradação ambiental, uma vez que boa parte de seus componentes leva centenas de anos para se decompor. Produtos químicos utilizados na fabricação desse artefato podem ainda desencadear alergias às usuárias e, em casos extremos, problemas mais complexos, como a síndrome do choque tóxico.³ Assim, entende-se que a discussão sobre o absorvente é polêmica, necessária e diz respeito a inúmeros questionamentos sociais.

O capítulo trata, pois, da trajetória do absorvente feminino, desde sua origem até os dias de hoje, transitando entre sua história evolutiva e o universo feminino e refletindo sobre como a evolução desse produto afetou o cotidiano, trazendo mais conforto e liberdade para as mulheres. Objetiva-se também questionar a relevância do design em todo esse processo e identificar o que esse artefato representou e representa hoje para as mulheres.

2 eCycle (www.ecycle.com.br) é um portal paulista que promove ações de descarte correto e consciente de resíduos, desenvolvendo e compartilhando pesquisas sobre o lixo e seus impactos ambientais.

3 Síndrome do choque tóxico (SCT) é uma doença rara causada pelas toxinas de bactérias Gram-positivas, em especial a *Staphylococcus aureus*. Essas toxinas desencadeiam uma série de reações graves que podem culminar em insuficiência renal aguda e morte. A maioria dos casos de SCT foi associada ao uso de tampões (absorventes internos), pois o acúmulo de sangue menstrual coletado por muitas horas e a composição dos absorventes internos favorecem a proliferação da bactéria.

Para a construção do texto, utilizou-se da coleta de dados realizada via documentação indireta – pesquisa bibliográfica que se constituiu a partir de busca em fontes secundárias baseadas em publicações nacionais e internacionais e meios audiovisuais. A observação de vídeos e de propagandas teve o intuito de examinar conteúdos comunicacionais, relacionando-os aos objetivos propostos. As informações coletadas foram analisadas em função das ideias previamente apresentadas, sendo estas determinadas a partir do referencial teórico e diretamente relacionadas às dimensões pesquisadas. Esse procedimento foi, mais uma vez, complementado pela revisão de literatura.

Design e cotidiano

A sociedade humana destaca-se pela capacidade de alterar drasticamente o meio em que vive, valendo-se dos avanços tecnológicos para provocar tais modificações nas relações das pessoas com a natureza. Estas alterações compreendem desde o intangível, através de mudanças de hábitos e pensamentos, até o tangível, por meio da construção de itens palpáveis que passam a fazer parte do cotidiano – e que também interferem diretamente no intangível. A sociedade moderna se configura, pois, como um “sistema de objetos” (Cardoso, 1998). Assim, para melhor compreendê-la, faz-se necessária uma abordagem mais ampla, analisando não apenas os sistemas que a definem, mas também os objetos que a constituem.

De acordo com o historiador Rafael Cardoso (1998, 2012), o design diz respeito ao fenômeno humano de projetar e fabricar objetos e serviços, ou seja, dar existência concreta e autônoma a ideias abstratas e subjetivas. Aqui, é importante destacar que a análise em questão abarca apenas parte da atividade do designer; isto é, a concepção e a construção de objetos. Entende-se que o design é amplo e que permeia e interfere em esferas mais complexas. Entretanto, sem desmerecer as demais atribuições, vê-se uma conexão do processo de concepção de objetos com a cultura material. Aos objetos produzidos pelo trabalho humano

dá-se o nome de artefato, e o conjunto de artefatos produzidos e usados por um determinado grupo ou sociedade define o conceito de cultura material. Ainda segundo o historiador, articular sobre cultura material, hoje, é uma maneira de entender como se comporta a sociedade atual, da produção ao consumo, bem como compreender seus sistemas simbólicos e ideológicos. “[A] história do design é também a história das sociedades: qualquer explicação da mudança deve apoiar-se em uma compreensão de como o design afeta os processos das economias modernas e é afetado por eles” (Forty, 2007, p. 14).

O conceito de *cultura material* surge por volta de 1920, com um decreto de Vladimir Lênin (1870-1924) que criou, na Rússia, a Akademiia Istorii Material’noi Kul’tury (Academia da História da Cultura Material, em tradução livre), assinalando assim o primeiro reconhecimento institucional. Esse conceito é difundido por volta de 1930, na França, pelos historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), os quais constataram que, mesmo sendo a população medieval formada por estruturas organizacionais simples, basicamente compostas por camponeses produtores, pouco se conhecia de seus sistemas e métodos de produção e distribuição. Ou seja, a cultura material requer atenção aos fenômenos cotidianos e de massa.

O objeto de estudo da história da cultura material são os elementos das pessoas e das coisas, do processo de produção e de reprodução da vida material das sociedades no curso dos diversos estágios de desenvolvimento desses elementos (Bucaille; Pesez, 1982, p. 25).

Em uma sociedade composta por indivíduos carentes de orientação simbólica, isto é, dependentes de códigos que lhes possibilitem existir (Munari, 1981) e significar, faz-se desejável a atribuição ou a materialização de formas simbólicas para que os objetos tenham função. A diferenciação de um produto não está apenas nas características físicas, mas também na capacidade de transferência que geralmente ocorre através do processo do design, ao destacar aspectos culturais intangíveis aos

objetos de uso. A necessidade de consumo dos artefatos é potencializada pela publicidade.

A força da sedução das novas técnicas publicitárias explorou até os limites as técnicas comunicacionais, intensificando sua capacidade de gerar apelos sensuais e sensoriais, associados a fantasias que envolvem desejos de poder, posse, preponderância, energia, vitalidade, saúde, beleza e juventude eterna (Sevcenko, 2001, p. 47).

Ao abordar o design, vê-se que, apesar de muito ligado à ideia do projeto e à concepção de um produto – questões que limitam a denominação da atividade, em seus primórdios, como “desenho industrial” –, já é possível compreender (e classificar) o design como teoria aplicada (Bonsiepe, 2011), ou seja, como atividade que conecta complexidades temáticas, estéticas e metodológicas e que também desenvolve soluções (aqui se vê o designer como profissional solucionador de problemas e não apenas desenvolvedor de projetos) em áreas diversas (Mozota *et al.*, 2011). Tem-se, pois, o design hoje, que, em contrapartida à ideia inicial, ligada apenas à aparência, passou a ser uma ferramenta de atuação na complexidade (Cardoso, 2012). Hoje, gerir sistemas complexos constitui mais uma habilidade: “o designer produzindo para as pessoas, ou seja, o primeiro sistema complexo produzindo para o segundo” (Lana, 2011, p. 59).

Assim, é consenso para muitos estudiosos que vivemos tempos complexos. De forma recorrente, somos bombardeados por questionamentos científicos ou não (muitos destes acontecem inclusive em meio ao dia a dia) sobre temas até então tidos como totalmente esclarecidos. Com a globalização, as distâncias se encurtaram, as culturas se aproximaram e muitos daqueles conceitos com os quais costumávamos conviver (como tempo, família, gênero, liberdade, espaço, idioma, distância etc.) sofrem diariamente reformulações e deixam, em muitos dos cenários em que são aplicados, de ser definidos apenas, rigidamente, como fórmulas matemáticas. Para Cardoso (2012), trata-se de um mundo complexo, para Bauman (2001), vivemos uma modernidade líquida, para Rittel e Webber (1973), uma realidade repleta de questões capciosas – *wicked problems*.

Nesse cenário, em que muitas questões aparentam se clarificar, outras, entretanto, são cada vez mais questionadas e questionáveis, além de pouco compreendidas. Para Barros (2011), a dificuldade de compreensão é consequência do empobrecimento das experiências vividas pela humanidade. A modernidade provoca a visão de um mundo cheio, intenso, porém oco. Equilibram-se, não igualmente, na balança da atualidade, o excesso e a falta: o excesso de informações e objetos e a falta de experiências – como causa e consequência. Assim, entende-se que a discussão sobre o absorvente necessita compreender mais do que o processo de concepção do produto (aqui se entende por que o design tem seu espaço de destaque), mas o cenário, as usuárias e, principalmente, as consequências desse artefato, sejam elas para a sociedade como um todo, apenas para as mulheres ou para o meio ambiente e as futuras gerações.

Feminino, feminismo e liberdade

Feminismo definitivamente não é uma questão feminina. Feminismo trata de igualdade; portanto, cabe a todo ser humano. Já o feminino, de acordo com o dicionário online Michaelis, é relativo ao sexo caracterizado pelo ovário, nos animais e nas plantas; relativo às mulheres (Feminino, [s. d.], [n. p.]); ou seja, abarca tudo aquilo pertencente ao universo de uma mulher. O feminismo abrange tudo que é pertencente ao universo social. Assim, compreende-se a necessidade de aprofundar e melhor abordar tal temática. Sua relevância é latente e seus questionamentos, aqui em questão, compreendem, mais que assuntos femininos (mesmo que a grande ênfase do estudo em questão sejam os absorventes), assuntos de liberdade.

O feminismo da chamada primeira onda dá-se com o surgimento dos movimentos feministas em meados do século XIX, momento de luta por direitos trabalhistas e educacionais para mulheres e meninas (Pinto, 2010). Foi a partir do século XX, na década de 1960, que o feminismo começou a tratar das questões relacionadas às desigualdades culturais e constitucionais e do papel da mulher na sociedade. Algumas vitórias

podem ser observadas, como o surgimento da pílula anticoncepcional, que permitiu que a mulher decidisse se e quando se tornaria mãe, o que por consequência permitiu a conquista de certa autonomia sexual. Simultaneamente, os absorventes internos chegaram ao Brasil (Heine, 2013), projetados para proporcionar liberdade às mulheres nos dias de desconforto dos períodos menstruais. Entretanto, a promessa de liberdade do produto se choca com várias barreiras culturais quanto ao corpo feminino (Queiroz, 2015), barreiras estas que permeiam grande parte dessa história.

Ainda assim, vive-se hoje a efervescência do feminismo: um movimento que tem adeptos de ambos os sexos, além de opositores ferozes que, de certa forma, retardam algumas conquistas femininas. É comum, por exemplo, o incentivo às mulheres, desde pequenas, a não tocarem sua genitália (Coutinho, 1996). O desconhecimento do corpo é promovido e, por isso, o uso de um absorvente que deve ser introduzido no corpo ainda se mantém tabu; inclusive, não é recomendado para garotas que ainda não mantêm relações sexuais. “É uma tradição de resignação e de submissão, uma falta de solidariedade e de consciência coletiva que as deixam assim desarmadas diante das novas possibilidades que se abrem para elas” (Beauvoir, 1970, p. 150).

O tema “liberdade” sempre ocupou lugar de destaque nas reflexões filosóficas. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos ([1948] [s. d.]), a liberdade não pode ser separada da condição humana, pois todos os indivíduos nascem livres. Entretanto, na contemporaneidade, assim como outros conceitos, a liberdade está em reconstrução. O que hoje não está claro à sociedade é em que consiste essa liberdade. Para Bauman (2009), a sociedade atual está sempre pronta e propensa a mudar suas estruturas, sejam elas familiares, políticas ou culturais. Essa teoria baseia-se na ideia de que a atualidade tende a modificar-se com o propósito de destronar o passado, de retirar importância de estruturas e organizações consideradas referências em tempos anteriores ao atual. De certa forma, trata-se de uma propensão à mudança, à inexistência da necessidade de se fixar ao tempo e espaço e à manutenção das estruturas, hierarquias e poderes. Essa propensão à mudança é denominada por

Bauman (2001) como modernidade líquida, teoria baseada no “derretimento dos sólidos” do *Manifesto comunista*, publicado, originalmente, em 1848 (Marx; Engels, 1997).

De certa forma, trata-se de uma realidade aberta, de uma modernidade leve, que tende a adaptar-se mais facilmente às necessidades sociais. É também um momento mais fluido, em que as trocas são mais frequentes e intensas. Entretanto, esse modelo também proporciona relações menos internalizadas e mais rasas. Assim, entende-se que a questão principal deste momento em que estamos inseridos é a fragilidade das relações e dos conceitos. Para Davenport (2014), essa questão é explicada na teoria do conhecimento, que a partir da hierarquia – dados, informações, conhecimento – define que o processo de internalização e inteligência é extremamente complexo e não é determinado apenas pela existência de dados em abundância – como se observa no cenário atual. Dessa maneira, entende-se que, para consolidar o conhecimento específico sobre algo, é necessário, além de filtrar os dados existentes, saber internalizar e vivenciar, a fim de criar repertório e informação, e, então, questionar para construir o conhecimento.

Partindo para o viés antropológico da construção do conhecimento e da diversidade cultural, os argumentos são diversos; entretanto, a conclusão aparenta ser semelhante. Para Barros (2011), o mais importante do processo social é a vivência da experiência, a qual ele define como aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca. E não aquilo que se passa, acontece e toca. Ou seja, na ótica da antropologia, para estabelecer conhecimento sobre algo ou alguém, é extremamente importante que haja vivência. Para Anastassakis (2014), é necessário o deslocamento do centro de gravidade para aproximar-se de outros campos do saber.

Dessa forma, podem-se validar alguns questionamentos: se a liberdade é um direito do ser humano, o que hoje são esses direitos e o que é ser livre? E por que definir tal conceito é tão complexo? Partindo da proposta de feminismo aqui abordada, consegue-se fazer uma conexão com o artefato a ser estudado em questão; se ser livre é um direito das pessoas e elas

são iguais, logo, a liberdade deve ser a mesma para ambos os sexos. E o absorvente pode contribuir com essa questão.

Artefato absorvente

A palavra menstruação é etimologicamente associada a *mensis* (em latim, mês), termo que, por sua vez, deriva do grego *mene* (lua). O período menstrual é uma fase natural, inerente a todas as mulheres, e consiste na preparação para uma gravidez. A menstruação acontece graças à eliminação do endométrio, uma mucosa que se forma internamente no útero. O endométrio é uma camada que se desenvolve para esperar um óvulo fecundado, a fim de acomodá-lo. Se isso não acontece, se o óvulo é descartado e não fecundado, o organismo elimina o endométrio e reinicia o processo, por isso a menstruação é mensal (Coutinho, 1996).

Tendo em vista que as mulheres desde a antiguidade já buscavam alternativas para se protegerem do sangue durante os períodos menstruais, o artefato absorvente surgiu em várias culturas, primeiramente, como alternativa higiênica. Posteriormente, foram implementados outros atributos e levadas em consideração questões também relevantes, referentes à liberdade feminina (Weissfeld, 2010). Apesar de já idealizarem produtos como os de hoje em dia, nas primeiras edições dos absorventes (ou proteções menstruais, como eram mencionados), esses só se tornaram acessíveis à maioria das mulheres nos dias de hoje. Neste ponto, podemos identificar questões culturais, econômicas e sociais, que serão abordadas em sequência. Apesar de natural, o tema é polêmico, afinal, de toda forma, a verdade é que a maneira quase fóbica como lidamos com a menstruação não mudou muito.

Ao longo do tempo foi possível observar alternativas diversas para conter o sangramento mensal. Entretanto, o registro delas é pequeno. Notam-se grandes saltos no tempo (ver Figura 1), assim como informações superficiais e impessoais, impossibilitando uma visão completa do que seria o produto e, principalmente, de como seria sua utilização. É preciso

considerar que os registros encontrados são ora falhos, ora espaçados e, em grande parte, dos mesmos técnicos. Poucos são os relatos nos quais compreendemos não só o produto, mas também o uso e o sentimento em relação a ele.

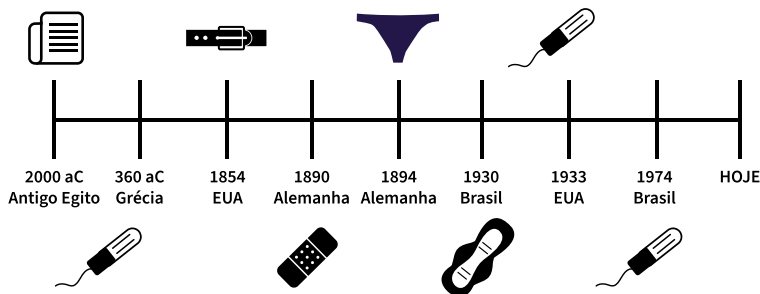


Figura 1 – Linha do tempo esquemática do surgimento de tipologias de absorventes no mundo

Fonte: elaborado pelas autoras (2015).

Na cultura brasileira, aqui posta em foco, esses produtos são ilustrados e descritos como fármacos, como remédios que tratam uma doença coberta de vergonha e de não-me-toques (Queiroz, 2015). Não se fala sobre menstruação como uma ação natural, corriqueira e fundamental para a garantia da espécie humana. Além das questões culturais, aqui identificadas como temas brasileiros, outros fatores também influenciam esse quesito. A educação tradicional de um grande estrato da população brasileira corrobora a falta de autoconhecimento da mulher brasileira no que se refere a sua genitália e, em muitas situações, o nível socioeconômico também limita o acesso a diversos produtos de higiene íntima (Campos *et al.*, 2023). Entretanto, como será descrito a seguir, o artefato absorvente possui características e usos diferentes em culturas diversas.

Os primeiros registros de absorventes são egípcios e datam por volta de 2000 a.C. Eram tampões (proteções internas) de papiro processado. Há indícios – como imagens e descrições dos tampões – de que

o processamento era feito para garantir maciez ao produto, evitando um possível desconforto no processo de inserção (Welcome [...], [s. d.]).

Em Roma, os tampões eram feitos de lã macia e, posteriormente, apareceram também como “absorvente de lã” nos manuscritos de Hipócrates, que viveu entre 460 e 370 a.C., na Grécia. Em uma de suas obras, são mencionadas proteções menstruais internas à vagina. Há relatos que descrevem que essas proteções eram envolvidas em pequenos pedaços de madeira, provavelmente para facilitar a inserção.

Na era medieval e na Renascença europeia, observa-se o uso de toalhas e almofadas feitas de gaze e pedaços de cambrá e algodão. As mulheres também costumavam usar musgos e outras gramíneas envoltas nas toalhas para aumentar a absorção. Nota-se que a menstruação, nessa época, não representava apenas um período de não fecundação, mas de liberação de todos os possíveis excrementos ruins do corpo, que poderiam transmitir doenças (Welcome [...], [s. d.]). É possível compreender que já era instaurado um imaginário negativo sobre o período menstrual.

No fim do século XIX, nos Estados Unidos da América (EUA), são constatados registros de inventores americanos que buscavam as primeiras patentes de um cinto com tecidos absorventes laváveis, desenvolvido para substituir as antigas toalhas usadas até então. Esse evento data por volta de 1854. Rapidamente, em 1888, são vendidos os primeiros absorventes femininos, também nos EUA. Os produtos eram em formato de almofada, coincidentemente semelhantes às alternativas desenvolvidas no século seguinte por enfermeiras francesas para uso próprio (Weissfeld, 2010). Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), essas profissionais notaram que as faixas utilizadas para curativos poderiam ser úteis para a absorção do sangue menstrual, pois funcionariam melhor que os tecidos (Welcome [...], [s. d.]). Por isso usavam como matéria-prima gaze, faixas de celulose e demais materiais hospitalares, aos quais elas tinham fácil acesso. Os cintos, nesse caso, eram necessários para a fixação do produto, visto que ainda não eram usuais as tiras de adesivo coláveis – hoje encontradas na grande maioria dos absorventes externos.

Kimberly Clark lançou a marca de absorventes higiênicos Kotex no início da década de 1920. O nome foi baseado em uma combinação dos termos “cotton” (substituindo o “C” com um “K”) e “texture”. Todos os primeiros absorventes higiênicos da Kotex necessitavam de um cinto para fixá-los no lugar. Hoje, a maioria dos absorventes higiênicos tem um adesivo que se encaixa na calcinha, fazendo o cinto desnecessário (Weissfeld, 2010, p. 73, tradução nossa).⁴

Na Alemanha (por volta de 1890), apareciam nas lojas absorventes descartáveis, semelhantes a bandagens, a serem inseridos sobre a calcinha. Há registros de que o Hartmanns foi o primeiro absorvente descartável e que era vendido em caixas com seis unidades. Anos depois, o produto chega à Inglaterra e aos Estados Unidos. Um produto similar ao americano (o cinto lavável da Kotex) também foi criado na Alemanha em 1894 – curiosamente, após os absorventes descartáveis. O artefato, entretanto, não foi bem aceito pela população (Welcome [...], [s. d.]).

No Brasil, há poucos relatos sobre as proteções menstruais até 1930, quando houve a chegada do Modess. Trata-se de uma marca norte-americana de absorvente, da Johnson & Johnson, que foi a primeira a desenvolver e a vender no Brasil absorventes descartáveis com parte adesivada. Foram criados para competir com os já famosos absorventes da Kotex. Sua origem data de 1926 nos Estados Unidos, não tardando muito até sua vinda ao mercado brasileiro, com a produção nacional se iniciando em 1945.

Em se tratando dos absorventes internos, tem-se registros de 1929, do médico americano Earle Haas (1888-1981). Ele desenvolveu tampões com aplicadores, que eram cabos de remoção. Sua invenção posteriormente se transformou no Tampax, o primeiro produto interno com aplicador comercializado.

4 “Kimberly Clark introduced the Kotex brand of sanitary napkin in the early 1920s, which they named based on a combination of the terms ‘cotton’ (replacing the ‘C’ with a ‘K’) and ‘texture’. All early sanitary napkins required a belt to secure them in place. Today, most sanitary napkins have an adhesive backing that fits into a woman’s panties, making a belt unnecessary.”

O tampão com aplicador (com cabo de remoção) foi inventado em 1929 pelo Dr. Earle Haas. Dr. Haas, poucos anos depois, vendeu sua patente para Gertrude Tendrich, que fundou a Tampax. Dr.³ Judith Esser-Mittag, que posteriormente projetou o “tampão digital”,⁵ vendeu sua invenção para a Johnson & Johnson em 1974 (Weissfeld, 2010, p. 73, tradução nossa).⁶

Apesar de ser bem aceito em outros territórios, o Tampax não chegou ao Brasil até meados dos anos 1970. As mulheres brasileiras só tiveram contato com absorventes internos em 1974, quando foi lançado o O.B. De origem alemã, o produto foi desenvolvido por dois homens, um engenheiro e um advogado, e por uma ginecologista, que participou ativamente no desenvolvimento do primeiro O.B. Todo o processo ocorreu no Hospital Estadual de Mulheres em Wuppertal. Curiosamente, o nome O.B. vem de *ohne binde*, expressão alemã que em tradução livre corresponde a “sem amarras”.

Na gama de soluções internas ao corpo humano, observa-se, na possível sequência evolutiva, o surgimento dos coletores menstruais. Entretanto, contrariamente ao que se acredita, os coletores não são uma invenção recente (Welcome [...], [s. d.]). De acordo com os especialistas, a questão é cultural: o copinho foi criado faz tempo, mas nunca foi muito falado. As mulheres sempre foram muito reprimidas em relação aos próprios corpos e à sexualidade. Elas têm dificuldade de manusear a região genital e de aprender mais sobre si mesmas, e essas barreiras demoram para serem ultrapassadas.

O coletor menstrual foi criado e produzido na década de 1930 nos EUA, e teve a fabricação, sem lucros, interrompida na década de 1950, em função do desconforto alegado pelas consumidoras. Acredita-se, porém,

5 “Tampão digital”, tradução para “*digital tampon*”, não tem relação com tecnologias eletrônicas, sendo simplesmente a forma como os absorventes internos sem aplicadores são conhecidos nos EUA e no Canadá.

6 “*The applicator tampon (with removal cord) was invented in 1929 by Dr. Earle Haas. Dr. Haas later sold his patent to Gertrude Tendrich, who founded the Tampax Company. Dr. Judith Esser-Mittag, who subsequently designed the digital tampon, sold her invention to Johnson & Johnson in 1974.*”

que o produto ainda é pouco difundido e que a retirada do mercado se deu pelo fato de envolver a manipulação da genitália. Em 1970, apareceu como um coletor descartável, quando também não obteve sucesso. Para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o produto não tem finalidade terapêutica definida, por isso não é considerado relevante para a saúde e não possui regulamentação. A grande questão é que se trata de um objeto que é inserido e retirado do corpo, mas que também fica armazenado nos períodos não menstruais. É necessária muita higiene.

No que diz respeito à publicidade, tendo como cenário o Brasil, nota-se que, na década de 1950, houve a popularização do uso dos absorventes femininos descartáveis, apresentando o produto como uma espetacular novidade e como a resolução de um problema que incomodava as mulheres. As toalhinhas não ofereciam proteção adequada, privando-as de sair de casa durante os períodos menstruais. Com os absorventes descartáveis, haveria maior liberdade feminina durante esses momentos. No entanto, a ideologia difundida pelas propagandas era de que o lugar legítimo da consumidora do produto ainda era a esfera doméstica. Por meio dos discursos publicitários, naturalizaram tendências e padrões de comportamento, associando o sujeito ao consumo e a identidade à mercadoria, tudo sob o viés de determinada ideologia. Apesar de relacionar o uso de absorventes às noções de liberdade e modernidade, o papel feminino na sociedade continuava sendo subjugado. Ser uma mulher moderna parecia repousar apenas no fato de usar o absorvente descartável, mas não na ideia de fazer a mulher ocupar outros espaços. Esse discurso não desapareceu nos dias atuais. No entanto, perdeu espaço e é questionado por outros discursos formulados a partir de outras formações ideológicas que inserem a mulher na esfera pública, colocando-a num lugar de igualdade em relação ao homem.

Por fim, e não menos importante, é necessário questionar a acessibilidade e a necessidade desse produto para as mulheres na atualidade. Ainda trata-se de um produto inacessível a uma grande parcela da população feminina.

Na verdade, até a primeira parte do século XX as mulheres usavam trapos de pano reutilizáveis que eram deixados de molho juntamente com as fraldas entre os períodos de uso. Os trapos de pano reutilizáveis ainda são usados por mulheres em alguns países do terceiro mundo (Weissfeld, 2010, p. 73, tradução nossa).⁷

Apesar de iniciativas em todo o mundo, que buscam o desenvolvimento de produtos de baixo custo e até mesmo a doação de coletores menstruais para comunidades carentes, entende-se que se deve pensar e projetar mais sobre o assunto. E, principalmente, falar mais sobre ele. É somente com a quebra dos tabus que a menstruação e a forma como se lida com ela conseguirão destaque nos problemas complexos da atualidade.

Absorventes e meio ambiente

De acordo com a Portaria nº 1.480, de 31 de dezembro de 1990, da Anvisa (Brasil, 1990), os absorventes são constituídos por uma capa de tela polimérica, por uma capa de apoio estrutural feita de fibra longa de celulose e por um núcleo absorvente composto por polímeros plásticos e um algodão preenchido com um gel absorvente feito de poliacrilato de sódio, uma substância capaz de absorver uma grande quantidade de água.

Segundo dados fornecidos pela Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec), o consumo anual de absorventes no país fica em torno de 4 bilhões de unidades (Pereira, 2019), que, em sua maioria, têm como destino os aterros sanitários e os lixões e levam em torno de quinhentos anos para se decompor. A incineração, outro destino possível, gera gases tóxicos como a dioxina (cloro), além de outras substâncias extremamente prejudiciais para o meio ambiente.

7 “In fact, as late as the first part of the 20th century, women used reusable cloth rags that they soaked in diaper pails between uses. Reusable cloth rags are still used by women in some third-world countries.”

Existem tecnologias capazes de reciclar parte desse material. Exemplo disso é a empresa canadense Knowaste, que trabalha transformando plásticos e polpas de celulose em pequenos grãos que podem ser utilizados na fabricação de produtos como o papel reciclado e materiais de construção como telhas de revestimento e madeiras sintéticas. No entanto, essa não é uma realidade no Brasil. O país não dispõe de tais tecnologias para a reciclagem desse produto.

Um tímido movimento a favor da substituição dos absorventes descartáveis desponta e propõe o uso de absorventes de tecido reutilizáveis (bem parecidos com as antigas toalhinhas), de coletores menstruais ou simplesmente do não uso de qualquer proteção. Em São Paulo, por exemplo, a Morada da Floresta,⁸ que atua no desenvolvimento de projetos, soluções e tecnologias socioambientais, produz o ecoabsorvente. Em 2015, a maratonista e baterista norte-americana Kiran Gandhi participou da maratona de Londres em seu período menstrual sem utilizar absorvente e afirma em seu site que a atitude tinha como objetivo conscientizar sobre a higiene feminina e sobre os problemas decorrentes do período menstrual (Ferrari, 2015).

Apontamentos finais

As mulheres aprendem, desde pequenas, uma série de tabus, dentre os quais que a menstruação é suja e que não se deve tocar na própria vagina. Nas entrelinhas, as mulheres são doutrinadas, social e culturalmente, a sentir desprezo por elas mesmas. Não é uma questão fácil e nem toda mulher está disposta a romper com esses paradigmas.

O profissional do design, entretanto, como projetista de soluções, é responsável por grande parte da entrega e da construção do imaginário do usuário graças à utilização de metodologias abrangentes – que vão além de apenas desenvolver um produto. Entende-se que o designer abarca, também, uma função social, uma resposta a problemas que

8 Cf. ABSORVENTES e capas, [s. d.].

incluem muito mais que somente a entrega de um projeto. Trata-se de função necessária para os problemas da atualidade, para o feminismo, para a complexidade.

Observa-se que, em relação ao artefato absorvente, ao longo da história, o designer destinou seus esforços, em grande parte, para a forma e a função. Desde os primórdios da humanidade, já se pensava em maneiras de proteção e de higiene durante os períodos menstruais, entretanto, apenas recentemente o questionamento acerca de tal artefato parte de aspectos como liberdade e feminismo. Compreende-se, então, a atuação do designer, ora pelo pouco conhecimento e pela pouca pesquisa acerca do organismo e do universo feminino, ora pela dificuldade encontrada em problematizar a temática. Talvez a principal lição para o design seja que não existem receitas formais capazes de equacionar os desafios da atualidade. Apesar de possuir técnica e método para desenvolver produtos e serviços, o designer não tem domínio sobre a construção emocional e imagética realizada pelos usuários. A cultura, bem como a cultura material, é viva; seus símbolos e signos também.

Referências

ABSORVENTES e capas. **Morada da Floresta**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://loja.moradadafloresta.eco.br/absorventes-e-capas>. Acesso em: 26 fev. 2016.

ANASTASSAKIS, Zoy. Design e antropologia: considerações teóricas e experimentações práticas em diálogo com a perspectiva do antropólogo Tim Ingold. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11., 2014, Gramado. **Anais [...]**. São Paulo: Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4, p. 23-34, 2014.

BARROS, José Márcio. **Pontos de cultura**: olhares sobre o programa cultura viva. Brasília: Ipea, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.480, de 31 de dezembro de 1990**. Brasília: Ministério da Saúde, 31 dez. 1990. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1990/prt1480_31_12_1990.html. Acesso em: 10 set. 2025.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura material. *In*: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. **Enciclopédia Einaudi 16**. Homo-domesticação. Cultura material. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1982.

CAMPOS, Daniel Damasceno de; CORREA, Victor Emanuel Dias; SOUSA, Livia Barros de; ALMEIDA, Aline Costa de; BAIA, Ana Caroline Gomes; MARTINS, Angelo Valentim; MOURA, Lilian Mesquita; ARAUJO SOBRINHO, Vitoria Camile; ARAUJO; Francisco Matheus Sousa; NAVARRO, Alberto Martins; SILVA, Visilvane dos Santos; CARVALHO, Darlen Cardoso de. Saúde e higiene menstrual no Brasil: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 12, n. 9, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/issue/view/115>. Acesso em: 10 set. 2025

CARDOSO, Rafael. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos**. v. 1. Rio de Janeiro: Arcos, 1998.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COUTINHO, Elsimar. **Menstruação, a sangria inútil**: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher. São Paulo: Gente, 1996.

DAVENPORT, Thomas. **Dados demais!** Como desenvolver habilidades analíticas para resolver problemas complexos, reduzir riscos e decidir melhor. Elsevier: Rio de Janeiro, 2014.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. **Unicef**, [s. l.], [1948] [s. d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FEMININO. **Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/feminino/>. Acesso em: 3 nov. 2015.

FERRARI, Nyle. Sem nojinho. **Uol**, São Paulo, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/kiran-gandhi-corre-maratona-menstruada-para-conscientizar>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HEINE, Palmira. **A construção da imagem de mulher moderna em propagandas de absorventes da década de 50**. Salvador: UFB, 2013.

LANA, Sebastiana. A complexidade dos métodos em design. *In*: MORAES, Dijon de; DIAS, Regina Álvares; CONSELHO, Rosemary Bom (org.). **Cadernos de Estudos Avançado em Design: Método** – vol. 5. Barbacena: EdUEMG, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Editorial Avante, 1997.

MOZOTA, Brigitte; KLOPSCH, Cassia; COSTA, Filipe; BORBA, Gustavo; RIBEIRO, Lene. **Gestão do design: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Lisboa: Edições 70, 1981.

O QUE fazer com absorventes usados? **eCycle**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/o-que-fazer-com-absorvente-usado/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

PEREIRA, Suzana José Balbino. **O comportamento do consumo da mulher: um estudo sobre a compra de alternativas ecológicas aos absorventes**. 2019. Monografia (Graduação em Administração de Empresas) – Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

RITTEL, Horst; WEBBER, Melvin. Dilemmas in a general theory of planning. **Policy Sciences**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 155-169, 1973.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WEISSFELD, Alice. The history of tampons: from ancient times to an FDA-regulated medical device. **Clinical Microbiology Newsletter**, [s. l.], v. 32, n. 10, 2010.

WELCOME to the former interior of MUM – it no longer exists – and tour part of it! **The Museum of Menstruation and Women's Health**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.mum.org/insideMUM.htm>. Acesso em: 11 set. 2025.